

## EMERGÊNCIA DO REPERTÓRIO DIGITAL DE PROTESTO

Marcelo Castañeda<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta a forma de operar da *Avaaz*, uma organização que se estrutura no início de 2007 para organizar campanhas multitemáticas criadas por um corpo de profissionais a partir de um *site* com destaque para petições eletrônicas. Através de observações e entrevistas, o objetivo é mostrar a emergência de um repertório digital de protesto nas sociedades contemporâneas com o advento das tecnologias da internet ao problematizar o reconhecido conceito de repertório de ação coletiva desenvolvido por Charles Tilly, mostrando permanências e mudanças nos protestos que se tecem atualmente. A partir do exemplo de algumas campanhas empreendidas pela *Avaaz*, o artigo apresenta as nuances no terreno da ação política com a internet, concluindo que esta acaba por ampliar as possibilidades de ação pela individualização.

**Palavras-chave:** Repertório de ação; Internet; *Avaaz*.

**ABSTRACT:** The article presents *Avaaz*'s way of operating, an organization that was structured in early 2007 to organize multi-thematic campaigns created by a body of professionals from a website featuring electronic petitions. Through observations and interviews, the objective is to show the emergence of a digital repertoire of protest in contemporary societies with the advent of internet technologies by problematizing the recognized concept of collective action repertoire developed by Charles Tilly, showing permanences and changes in protests that are currently woven. From the example of some campaigns undertaken by *Avaaz*, the article presents the nuances in the field of political action with the internet, concluding that it ends up broadening the possibilities of action for individualization.

**Keywords:** Action Repertoire; Internet; *Avaaz*.

### INTRODUÇÃO

A *Avaaz* é uma organização política que desenvolve campanhas transnacional com a internet e começou a operar em janeiro de 2007, sendo que seu significado remete à “voz”. Sua formação começou a ser articulada em meados de 2006, com o objetivo de conceber uma estrutura de mobilização global que aproveitasse os potenciais das tecnologias da informação e comunicação, em especial a internet. Esta organização se define como uma comunidade de mobilização *online* que pretende levar a voz da sociedade civil para a política global, podendo ser vista como uma organização de *advocacy* que procura a defesa de direitos, buscando influenciar a formulação e execução de políticas junto ao poder público e à sociedade.

---

<sup>1</sup> Doutor. E-mail: [marcelo.castaneda@facc.ufrj.br](mailto:marcelo.castaneda@facc.ufrj.br)

Castañeda de Araujo (2014) mostra que a atuação da *Avaaz* compreende a elaboração de campanhas multitemáticas, abordando um amplo leque de questões humanitárias, ambientais e democráticas a partir de uma escala transnacional. Estas campanhas buscam mobilizar indivíduos ao redor do mundo ao enviar *e-mails* com oportunidades de participação para engajamento a fim de tentar exercer pressão na tomada de decisões em diferentes escalas, em especial nacional e global. A petição eletrônica é a estratégia de ação mais utilizada e, no Brasil, a campanha de maior visibilidade e sucesso foi pela aprovação da Lei da Ficha Limpa no ano de 2010. Desde a sua formação, a *Avaaz* conta com uma equipe profissional, que vem se expandindo ao longo do tempo: em doze anos de atuação, passou de dez profissionais espalhados pelo mundo, atuando em vários países, para algo em torno de uma centena, incluindo a área técnica. Devido ao seu propósito de atuar globalmente, a organização não mantém escritórios nacionais e sua sede, em Nova Iorque, serve como uma espécie de base administrativa e financeira para receber doações e apoiar as ações de construção das campanhas que são deflagradas com a internet pelos seus profissionais, que atuam espalhados pelo mundo comunicando-se através de plataformas de diálogo que se configuram com a internet, buscando o engajamento e participação dos seus mais de 55 milhões de membros, contabilizados como qualquer indivíduo que tenha participado de alguma ação proposta pela organização ao longo de sua operação.

A *Avaaz* começou a operar por meio de um *site* ([www.avaaz.org](http://www.avaaz.org)) que, desde 2007, possui interfaces com diferentes idiomas. Atualmente, este *site* oferece 16 possibilidades de idiomas<sup>2</sup> para interação com o público que o acessa ao redor do mundo. O *site* é uma parte importante nos processos de engajamento e participação dos que são considerados como membros pela *Avaaz*. Estes indivíduos são mobilizados pelo envio de *e-mails* denominados alertas, com os quais a organização comunica suas estratégias de participação por meio de campanhas, procurando o engajamento dos que denomina como seus “membros”. As oportunidades de participação viabilizadas por esta organização compreendem o financiamento de campanhas de anúncios na mídia; a assinatura de petições, armazenadas no *site*; doações; realização de telefonemas e envio de mensagens para os *e-mails* de governos e parlamentares, em especial quando os alvos são nacionais;

---

<sup>2</sup> Eis as possibilidades: português, inglês, árabe, alemão, russo, francês, espanhol, coreano, chinês, japonês, holandês, italiano, hebreu, turco, polonês e romeno, nesta ordem. Alguns destes códigos linguísticos foram identificados utilizando a ferramenta *Google Tradutor*.

criação de petições no *site* *Petições da Comunidade*<sup>3</sup>, e, em alguns casos muito pontuais, a participação em protestos e eventos nas ruas, que acontecem de forma coordenada. Este conjunto de ações pretende “garantir que os valores e visões da sociedade civil global informem as decisões governamentais que afetam todos nós”<sup>4</sup>.

Este conjunto de oportunidades de participação oferecidas pela *Avaaz* faz pensar sobre o significado da participação política nos tempos atuais na medida em que alguns cliques e o compartilhamento de *links* em *sites* de redes sociais, feitos em alguns minutos, podem ser vistos como uma forma de participação e engajamento diferenciada das que usualmente compõem o repertório de ação moderno, tais como os movimentos sociais, os partidos políticos e as manifestações públicas. Neste artigo, o objetivo é compreender a emergência de um repertório de ação digital que se mescla ao repertório de ação coletiva desenvolvido na modernidade, tendo a seguinte questão como guia: na medida em que a internet se constitui como potencial mediador que viabiliza suas ações e que a mobilização promovida pela *Avaaz* se diferencia dos processos desenvolvidos por movimentos sociais e formas de protesto baseadas na co-presença física e simultaneidade das ações, quais as características que esta organização traz, por meio de suas estratégias de ação e campanhas, para pensar a emergência de um repertório digital de ação, visto como uma dinâmica recente que, hoje, convive e se imbrica com o repertório de ação moderno?

No que diz respeito à metodologia, o artigo se desenvolve com base em uma pesquisa participante feita no *site* da organização de forma silenciosa e *insider*, combinada com entrevistas em profundidade com diretores e organizadores de campanha, bem como com pessoas consideradas como membros da organização. Também foram analisados os discursos e conexões derivadas dos 197 *e-mails* que comunicam as campanhas, recebidos em função do cadastro do autor na base de membros da organização entre 2011 e 2013. Desta forma, a estrutura do artigo envolve duas seções principais: na primeira, me volto para uma análise dos repertórios de ação, enfatizando os paralelos possíveis pelos quais a *Avaaz* dialoga em sua atuação contemporânea; na segunda, me dedico a pensar na emergência de um repertório digital a partir das campanhas da *Avaaz*, a fim de refletir sobre a questão principal colocada. Em ambas, são mobilizadas exemplos de campanhas da *Avaaz* para ilustrar os argumentos que tocam na natureza organizacional híbrida a

---

<sup>3</sup> Trata-se de um site voltado para qualquer pessoa que queira criar uma petição eletrônica, desenvolvido a partir de 2012. Pode ser acessado em <https://secure.avaaz.org/po/petition/?source=dohpl> (acesso em 30/11/2019).

<sup>4</sup> De acordo com a descrição encontrada em <http://www.avaaz.org/po/about.php> (acesso em 30/11/2019).

partir da incorporação das tecnologias da internet na configuração dos protestos contemporâneos, ou seja, mais do que uma separação entre o que é moderno e o que é digital, temos uma mescla entre ambos os processos no atual momento histórico.

### **REPERTÓRIOS DE AÇÃO: do tradicional para o moderno**

Na campanha contra a permanência de Marco Feliciano (Partido Social Cristão – PSC/SP) na presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias - CDHM da Câmara dos Deputados em 2013, a *Avaaz* enviou seis *e-mails* visando mobilizar seus membros no período pesquisado. O primeiro deles, no início de março de 2013, apresentava uma petição criada no site *Petições da Comunidade* como possibilidade de participação, tendo como alvo os deputados federais. Foram cerca de 550 mil assinaturas nesta petição, sendo que aproximadamente 173 mil membros compartilharam *links* no *Facebook* e 18 mil no *Twitter*. O objetivo era destituir da presidência da CDHM o Pastor Marco Feliciano. Vale ressaltar que esta campanha foi direcionada apenas aos membros brasileiros.

Entre o final de março e início de abril daquele ano, a *Avaaz* enviou três *e-mails* que procuravam estimular os membros da organização a fazer ligações telefônicas para líderes de partidos na Câmara dos Deputados. O último *e-mail* também destacava a possibilidade de envio de *tweets* (mensagens pelo *Twitter*) diretamente para os deputados, com o mesmo objetivo. Ainda no final de abril, a *Avaaz* enviou um *e-mail* propondo o envio de mensagens para o Deputado André Moura, líder do PSC. No início de maio, um último *e-mail* novamente demandava dos membros da organização a realização de telefonemas para os líderes do PSC, a fim de pressionar pela substituição de Marco Feliciano. A pressão da *Avaaz* e dos seus membros não surtiu resultado: Marco Feliciano continuou na presidência da CDHM. Estas e outras ações de campanhas tomam lugar em uma esfera pública interconectada (BENKLER, 2006): os engajamentos nas oportunidades de participação oferecidas pela *Avaaz* são acompanhados por ações protagonizadas pela organização, seus membros e, em alguns casos, por outros aliados, que se desenrolam em uma esfera pública e incluem ações de *lobby*, anúncios na mídia, contato com outras organizações e personalidades como músicos e atores, organização de protestos, ajuda humanitária e a própria entrega física das petições.

Algumas perguntas se fazem necessárias: até que ponto as campanhas da *Avaaz* diferem de campanhas deflagradas por outros movimentos? Uma petição eletrônica seria apenas outra forma de coletar assinaturas que não presencialmente? O envio de mensagens diretas não equivale ao papel que uma carta desempenhava? Até que ponto houve um ganho de escala no repertório de ação moderno ou se trata de um novo repertório que emerge?

Os repertórios de ação não designam performances individuais, mas formas de interação entre partes ou conjuntos maiores de atores. Tilly (1995) assinala que são formas estabilizadas nas quais os pares de atores fazem e recebem demandas considerando o interesse dos outros. Um conjunto de interação simples consiste em um ator coletivo que constrói demandas coletivas, acompanhado de um outro ator que se torna objeto destas demandas. Este conjunto simples é composto de pares que constroem demandas de uns em relação a outros. Portanto, uma análise dos repertórios deve considerar, de um lado, o conjunto formado pelas relações sociais, significados e ações agrupadas em padrões recorrentes; e, de outro, certos requisitos para deflagrá-las, tais como o conhecimento, a memória e as conexões sociais. O repertório que está em jogo em ações como a petição, o envio de mensagens, a realização de telefonemas, a doação e a criação de petições que caracterizam as campanhas da *Avaaz* só faz sentido por conta dos alvos identificados em cada oportunidade de participação apresentada pela organização aos seus membros, criando um conjunto de atores em conflito. É nesta interação entre as diferentes configurações que o ator-rede — que, no sentido desenvolvido por Latour (2012), pode ser visto como um coletivo heterogêneo que entrelaça humanos e não humanos — assume a cada campanha, e os alvos, que se pode falar de um repertório a partir das campanhas desta organização.

O surgimento de novas formas de protesto e conflito pode resultar tanto da inovação deliberada, quanto de extenuantes negociações<sup>5</sup>. Os atores que promovem protestos e conflitos estão constantemente inovando, ainda que geralmente o façam no perímetro de um repertório existente ao invés de romper inteiramente com velhas formas. Muitas inovações falham e desaparecem, sendo que apenas uma pequena parte delas imprime mudanças de longa duração nas formas de protesto. Geralmente, as inovações que se

---

<sup>5</sup> Tilly (1995) apresenta como exemplo o processo em que empregadores, trabalhadores e agentes do Estado britânico se esforçaram para definir as formas aceitáveis e inaceitáveis da atividade de greve no início do século XIX.

mantém ao longo de um período histórico se impõem mediante a eficácia demonstrada pelo seu uso em ações deflagradas pelos grupos que as adotam. A partir daí, outros atores coletivos passam a incorporá-las. Posteriormente estas inovações são institucionalizadas como uma nova forma que traz avanços visíveis para o sucesso das reivindicações de quem as usa. Quando a inovação acontece, todas as partes em ação, incluindo as autoridades e os objetos das demandas, se adaptam à nova configuração de um repertório.

Tilly (1995) entende que é raro um repertório inteiro dar lugar a outro, como aconteceu no caso da Grã-Bretanha entre 1758 e 1834, estudado por ele. Por isso, chama atenção para o fato de que cada repertório de protesto e conflito tem sua própria história. De certa forma, podemos pensar que uma inovação pode estar acontecendo com o advento da internet nas ações coletivas, mas será que esta inovação remete à emergência de um novo repertório? As campanhas da *Avaaz* sinalizam inovações do repertório de ação coletiva na medida em que a petição não foi criada por esta organização, mas ganhou em adesão, em velocidade e em novas escalas com o advento da internet na medida em que demonstra a capacidade de gerar petições com um grande volume de assinaturas em um curto espaço de tempo.

Da mesma forma, os envios de mensagens pelos ativistas para um alvo determinado se tornou mais ágil com a internet, se comparado, por exemplo, com o envio de cartas. Nestes casos, trata-se, fundamentalmente, de novas formas de colocar em prática um repertório já existente. No entanto, quando a *Avaaz* possibilita que qualquer pessoa crie uma petição no *site Petições da Comunidade*, a organização abre uma possibilidade que não estava dada no repertório de ação moderno e que remete, como tem sido citado por vários autores (EARL; KIMPORT, 2011; CHADWICK, 2007; ROLFE, 2005; MACHADO, 2007), a um repertório de ação digital. Tilly (1995) concentra sua análise nos momentos em que os indivíduos se reuniram para tornar demandas públicas vigorosas e visíveis, agindo sobre estas demandas. O autor deu grande atenção às aglomerações de protesto<sup>6</sup>, procurando defini-las como ocasiões em que um número de indivíduos de fora do governo se reúne em um lugar publicamente acessível e faz demandas a pelo menos uma pessoa

---

<sup>6</sup> Esta definição de aglomerações de protesto compreende todo evento no qual as autoridades e observadores designam como motim, tumulto, distúrbio, desordem, manifestação; mas também inclui grande número de manifestações pacíficas, procissões e outras assembleias que escapam da ira das autoridades.

fora da sua própria aglomeração<sup>7</sup>. Estas reivindicações, caso se realizem, podem afetar os interesses do ator que está sendo demandado.

O autor entende que o repertório do século XVIII pode ser caracterizado como paroquial, pois frequentemente os interesses e ações envolvidas eram restritos a uma pequena comunidade; particular, pois variavam significativamente de um lugar ou ator para outro; e bifurcado, pois quando os indivíduos agiam nas questões locais e objetos próximos, adotavam a ação direta para atingir seus objetivos, sendo que nas questões nacionais, recorriam a uma autoridade local para agir. Esse repertório incluía uma boa dose de cerimonial, uma espécie de “teatro de rua”, que se implantava com fortes símbolos visuais e destruição de objetos carregados de simbolismo. Algumas rotinas do século XVIII sobreviveram no século XIX, mas perderam proeminência frente aos novos recursos que canalizavam demandas feitas coletivamente. As manifestações, greves, comícios, passeatas passaram a prevalecer como formas de protesto com um caráter diferente. Estas ações eram nacionais, já que se referiam a interesses e questões que abrangiam muitas localidades; modulares, pois as mesmas formas serviam para diferentes localidades, atores e questões; e autônomas, nas iniciativas e nos centros de poder nacionais mais significativos.

Tilly (1995) destaca que o repertório do século XIX envolvia menos ação direta e uma imediata reparação de justiça, quando comparados aos do século XVIII. Uma das principais mudanças foi um dramático declínio da violência física nos conflitos, tendo em vista que as mortes quase desapareceram nas interações, bem como os feridos e presos. Um aspecto desta mudança de repertórios é que ela parece ter ocorrido em surtos, no período entre 1789 e 1807, ou seja, em uma série de mudanças contextuais, com destaque para a importância política da Revolução Francesa e econômica do Império Britânico, bem como de um Estado crescentemente poderoso e demandante, que provocou o aparecimento de novas formas de ação política. Neste sentido, esta atividade coletiva britânica representa o nascimento dos movimentos sociais como uma espécie de desafio, provocação, objeção sustentada e organizada às autoridades, em nome de uma população privada, excluída e injustiçada. O autor entende que estes movimentos confrontam e se alimentam das políticas eleitorais, pois sinalizam a presença do suporte de massa, ou de

---

<sup>7</sup> Mesmo assumindo a existência de protestos coletivos descontínuos, o autor descartou as formas individuais de conflito e resistência, bem como as operações rotineiras dos partidos políticos, sindicatos, redes de padrões e clientes, e outras poderosas formas de ação coletiva, o que não impede o uso de suas formulações.

votos potenciais, para programas que não tiveram voz nas legislaturas existentes. Ao longo dos séculos XIX e XX, no Ocidente, os movimentos sociais nacionais tornaram-se um elemento significativo das políticas populares, contribuindo tanto para um alargamento da participação e para a extensão do sufrágio quanto no que diz respeito ao exercício de uma pressão popular sobre os políticos eleitos.

Os movimentos sociais deram suporte à emergência de políticas extra e para-parlamentares ao se organizar em plataformas de massas, convenções nacionais ou cartas populares, dando uma ideia de que o processo representativo existente exclui indivíduos que têm o direito de ser ouvidos. Assim, se tornaram um “caminho-padrão de fazer demandas” ao coordenar marchas, manifestações, petições, *slogans*, publicações e associações, a fim de desafiar nacionalmente a distribuição de poderes existente, bem como o uso do poder pelo Estado. Tornaram-se um novo modelo que foi adotado por cidadãos de outros Estados ocidentais. Tilly (2005) destaca que, ao contrário de uma petição, declaração ou encontro de massas, uma campanha se estende para além de um simples evento, embora o processo de uma campanha, na forma como é construído pelos movimentos sociais inclua normalmente petições, declarações e encontros de massas. As campanhas podem estar centradas em demandas: pela adoção ou abolição de programas públicos; pelo reconhecimento da existência dos reclamantes; pela ratificação de sua condição enquanto tipos específicos de atores políticos o que pode envolver tanto povos indígenas como partidos constituídos. Uma campanha sempre liga três partes: (1) um grupo de demandantes; (2) um objeto de demanda; e (3) um público de algum tipo. São as interações entre estas três partes que constituem um movimento social.

McAdam, Tarrow e Tilly (2009) destacam que as ações dos movimentos sociais assumem a forma de repertórios, com números limitados de desempenhos alternativos historicamente estabelecidos ligando reivindicadores a objetos de reivindicação. No desempenho destes repertórios, os autores incluem a criação de associações ou partidos de interesse especial, reuniões públicas, demonstrações, passeatas, campanhas eleitorais, empenho para fazer petições, pressão, ocupação forçada de terras e edificações, publicações, formação de instituições de serviço público e construção de barricadas. Atualmente, os ativistas e organizações como a *Avaaz* também podem criar *sites*, aparecer em programas de televisão e organizar fóruns pela internet, entre outras ações, frequentemente ultrapassando fronteiras nacionais. Bringel (2012) destaca o caráter

contingente, interativo, complexo e relacional da história e dos processos sociais na obra de Charles Tilly, identificando três modalidades de repertórios: competitivos, para expressar rivalidades em um sistema constituído; reativos, para defender direitos ameaçados; e pró-ativos, para reivindicar novos direitos. O autor destaca que a noção de repertório acabou se consolidando dentro das teorias da ação coletiva como forma de assinalar que a produção de demandas se concentra em uma quantidade limitada de formas, que se repetem, com variações mínimas, constituindo um repertório que os atores acionam de maneira mais ou menos deliberada.

As campanhas da *Avaaz* atuam em todas essas modalidades destacadas pelo autor, com maior incidência sobre os direitos do que sobre as rivalidades, sendo que esta organização se constitui como parte de um repertório que toma forma com o advento da internet. Aqui não se trata de esgotar as muitas possibilidades inerentes à emergência de um repertório de ação digital a partir da *Avaaz*, mas de entender que as ações desta organização compõem uma parte específica das formas de ação política com a internet nas sociedades contemporâneas. Neste sentido, um repertório de ação digital convive com o repertório de ação moderno, muitas vezes imbricando-se, mais do que superando ou substituindo este. Apesar de configurar uma inovação de formas existentes, o engajamento em diferentes campanhas mobilizadas pela *Avaaz*, utilizando distintas estratégias de participação, pode propiciar novas performances em um plano mais individualizado, em especial se considerarmos que qualquer um pode criar uma petição com a plataforma *Petições da Comunidade*. Os diferentes usos da internet em situações de demanda ou confronto podem ser vistos como elementos que trouxeram inovações aos repertórios de ação nas sociedades contemporâneas. A partir do caso estudado, procuro entender se estas inovações trazidas pela internet proporcionam mudanças significativas nos repertórios que se constituíram no século XIX e se desenvolveram ao longo do século XX, a ponto de configurar um repertório de ação digital que convive com o repertório moderno de ação na esfera pública interconectada.

### **REPERTÓRIO DIGITAL: hibridismo e individualização**

Na campanha da *Avaaz* em prol do voto aberto no Congresso Nacional Brasileiro, elementos do seu repertório chamam atenção. No dia 12/06/2012, a organização enviou

um *e-mail* intitulado “Eu quero saber como vota meu parlamentar!”. A participação dos membros seria mediada por uma petição, direcionada ao presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), e a todos os deputados federais. O objetivo era acabar com o voto secreto nas votações mais importantes e abrir o processo para que todos os cidadãos pudessem ter conhecimento. Foram cerca de 687 mil assinaturas, com 135 mil compartilhamentos de *links* no *Facebook* e 14 mil no *Twitter*.

Essa campanha volta a aparecer entre os *e-mails* enviados no dia 27/03/2013, nove meses depois, com o título “Fim do voto secreto no Congresso Nacional”, a partir de uma nova petição, esta criada por um membro no *site Petições da Comunidade*, que reuniu cerca de 687 mil assinaturas, com 41 mil compartilhamentos de *links* no *Facebook* e 3,5 mil no *Twitter*, tendo como alvo a presidenta Dilma Rousseff. Em outros três *e-mails*, enviados entre meados de abril e início de junho, a *Avaaz* retomou esse mesmo tema através de outra petição intitulada “Fim do voto secreto no Congresso Nacional”, desta vez tendo como alvo todo o Congresso Nacional. Esta petição reuniu cerca de 518 mil assinaturas, com 136 mil compartilhamentos de *links* no *Facebook* e 14 mil no *Twitter*. Por fim, em uma sequência de seis alertas de *e-mails*, enviados entre meados de julho e final de novembro de 2013, a organização mobilizou novamente seus membros para que efetuassem ligações telefônicas para deputados federais, fazendo pressão pelo voto aberto. Trata-se de uma campanha que a *Avaaz* considera vitoriosa, tendo em vista a aprovação da lei no Congresso.

Nesta campanha, como em tantas outras, o repertório que estava em jogo envolvia ações como a assinatura de petições e a realização de telefonemas. A *Avaaz* procura traduzir elementos de pressão tradicionais, como a petição, as mensagens e os telefonemas aos alvos, para uma forma de ação digital a partir de campanhas elaboradas por um pequeno grupo de profissionais. Esta tradução é complementada por ações individualizadas, seja de compartilhamento de *links* em *sites* de redes sociais, seja criando petições no *site Petições da Comunidade*, bem como por articulações com outras organizações na esfera pública. Rolfe (2005) examina os caminhos pelos quais um repertório de ação digital é construído, tratando o ativismo *online* como uma inovação ao propor um modelo híbrido que integra várias abordagens. Ao examinar os vários caminhos pelos quais dinâmicas de contestação *online* emergem, o autor entende que o desenvolvimento deste repertório aparece como resultado de três processos: a tradução

para o espaço digital de elementos do repertório *offline* por organizações e movimentos sociais; a criatividade radical de pequenos grupos, com experiência crítica e técnica; e inovações compartilhadas rápida e globalmente entre organizações através de um processo de difusão.

Machado (2007) entende que o repertório de ação digital traz mais possibilidades para a ação coletiva. A inovação, a difusão e a incorporação de certas formas de ação coletiva dependem da rotina da população, suas experiências, organização e modelos de sociedade a que são expostos. O autor chama atenção para a consolidação da tendência de que, com a internet, a maior parte dos movimentos sociais e organizações orientem suas ações com base em valores universais como direitos humanos, minorias, liberdade de expressão, preservação ambiental e outros, reivindicando as garantias das leis do moderno Estado democrático.

Ainda segundo o autor, o que tece tais redes de coletivos sociais são relações, conflitos e processos políticos e sociais que ocorrem na sociedade, cujas causas e consequências se entrelaçam no cotidiano compartilhado dos atores. Os conflitos e processos de mudança reverberam e se difundem pela internet até alcançar o cotidiano dos indivíduos, sendo que os agenciamentos ocorrem sob novos contornos, nos quais interação, intenção, conexão, identidade e ação desempenham papéis cada vez mais fundamentais, fazendo com que os atores sociais tenham uma extensão e influência cada vez maior, criando um ambiente propício à emergência de novas formas de ação coletiva. A *Avaaz* procura mapear temáticas que são enquadradas em suas campanhas com objetivo de gerar agenciamentos diferenciados no cotidiano de indivíduos que têm contato com seus *e-mails*, fazendo uso de formas de interação, conexão e ação frente a intenções variadas com estes indivíduos a cada nova campanha. Trata-se de uma nova forma de ação coletiva, que é agenciada sociotecnicamente mediante a coordenação de uma organização frente aos que estão cadastrados em sua base de dados.

Outro ponto importante é um hibridismo, que combina padrões de movimentos sociais, partidos políticos e grupos de interesse, e pode ser visto em algumas campanhas da *Avaaz*, como em “Realizando o sonho de Malala”, lançada em outubro de 2012, que tem como símbolo uma garota de 15 anos, Mala Yousafzi, que foi baleada pelo Talibã no Paquistão. Quase um milhão de indivíduos assinaram uma petição pedindo que o governo realizasse o sonho da garota, ou seja, uma educação para todos, apoiando um programa de

ajuda financeira para colocar todas as crianças pobres do Paquistão nas escolas. A petição foi entregue pelo enviado especial para a educação da ONU, Gordon Brown, ao presidente paquistanês, que também assinou a petição. Neste dia, o governo lançou o programa de ajuda financeira educacional para três milhões de crianças. Ao tratar das mudanças organizacionais, Chadwick (2007) argumenta que a internet encoraja um hibridismo organizacional, com duas tendências: pela primeira, grupos de *advocacy* e partidos políticos estabilizados estão experimentando processos de hibridização baseados em transplantação e adaptação seletiva de um repertório de ação digital em rede, que pode ser considerado típico dos movimentos sociais; a segunda é que novas formas organizacionais emergem, existindo somente formas híbridas e que não podem funcionar sem a internet e as interações espaciais e temporais complexas que são facilitadas por estas tecnologias. Assim, organizações híbridas, como a *Avaaz*, combinam repertórios tipicamente associados com três tipos organizacionais (partidos, grupos de interesse e movimentos sociais), o que pode ser visto na campanha acima, que terminou com a aprovação de um programa governamental depois de uma ação de *lobby* coordenada com vários indivíduos pressionando através de uma petição.

O autor entende que os repertórios desempenham um papel em sustentar a identidade coletiva. As tecnologias, assim, não são apenas ferramentas neutras a serem adotadas conforme a vontade, mas também moldam o que significa ser um participante em uma organização política. Os valores também moldam os repertórios de ação coletiva, que influenciam na adoção de formas organizacionais. A afinidade entre ideologia, tecnologia e organizações também está tornando as fronteiras entre formas de ação pública e privada menos definidas. Algumas organizações exibem diferentes formas de organizar e mobilizar, misturando esforços em ações estreitamente canalizadas com outras mais flexíveis, cruzando fronteiras nacionais enquanto organizam captação de recursos. Chadwick (2007) convida a pensar em um repertório de ação digital em rede que se desenvolve primeiro em mobilizações de movimentos sociais como um elemento *online* nos anos 1990 e início dos anos 2000 e, agora, são adotados por grupos de *advocacy* e campanhas eleitorais de partidos políticos. O autor propõe quatro caminhos para entender a emergência deste repertório como condutor de um processo de hibridização organizacional. Primeiro, a criação de formas atraentes e cada vez mais convergentes de ação cidadã *online*. O ambiente *online* provê oportunidades para que os cidadãos

organizem seus engajamentos em campanhas através de participação física em comícios e eventos de arrecadação de fundos, mas também provê um grande número de ações políticas *online*: *e-mail*, *chat*, fóruns de discussão, *blogs*, mensagens instantâneas, gerenciamento de conteúdo, doações financeiras, sistemas de classificação e outras formas de *software* social.

Um segundo ponto remete ao fomento da confiança distribuída entre grupos de cidadãos ligados horizontalmente. A mobilização pela internet frequentemente toma uma forma transnacional distintiva: a colaboração entre diferentes redes de grupos e movimentos sociais precisa de uma estratégia que passa por alianças mais soltas de grupos são frequentemente capazes de usar a internet para se articular e simultaneamente mobilizar e focar seus esforços em diferentes níveis da política, mudando do nacional para o transnacional.

O terceiro caminho envolve a fusão dos discursos subculturais e políticos, enquanto que o quarto compreende a criação e desenvolvimento de redes *online*. Isto existe na forma de infraestruturas de comunicação soltas e integradas, bem como pela ausência de líderes que persiste ao longo do tempo. As redes são importantes porque tornam mais fácil do que para as velhas organizações responder a demandas ou um desejo percebido de mudança de foco para novas questões. Van Laer e Van Aelst (2009) mostram que os ativistas não só incorporaram a internet em seu repertório, mas também transformaram substancialmente suas definições sobre o que conta como ativismo, comunidade, identidade coletiva, espaço democrático e estratégia política. Encontraram, desta forma, maneiras simples para se reconectar com cidadãos comuns em um contraponto ao aparente afastamento do público das instituições políticas e processos formais, vide a própria constituição da *Avaaz*, que engaja pontualmente os indivíduos que decidem participar das campanhas definidas por profissionais e mobilizadas por *e-mail* em cima de questões bem recortadas e, aparentemente, sem lógica de continuidade, uma após a outra.

O ato de compartilhar conteúdos assume um nível de importância para o tipo de ação política coordenada pela *Avaaz*. Não é por acaso que a cada ação tomada por um membro no *site* desta organização aparecem possibilidades de compartilhamento em *sites* de redes sociais, em especial *Facebook* e *Twitter*, vistos como possibilidades de aumentar a base de membros, além de aumentar a participação nas estratégias de ação propostas. A fim de pensar a emergência de um repertório de ação digital, Earl e Kimport (2011)

chamam atenção para duas características do ativismo com a internet: os custos reduzidos para criar, organizar e participar de protestos; e a baixa necessidade de que as pessoas envolvidas nos protestos estejam presentes, fisicamente, no mesmo espaço, para que possam agir e se organizar de forma coletiva. Os custos reduzidos tornam mais fácil e cômoda a participação, podendo conduzir a um ativismo rápido ao empregar variadas táticas com uso de ferramentas tecnológicas que ajudam a baixar o custo da participação. Os baixos custos de organização e mobilização permitem aos organizadores atuarem no jogo político com custos iniciais baixos e poucos recursos.

As autoras assinalam que a combinação de baixos custos dos novos organizadores, baixos níveis de socialização e interação com integrantes de movimentos sociais, e baixas pressões organizacionais configuram um comportamento diferente dos movimentos sociais. Eles se organizam sobre causas que poucos consideravam legítimas para protesto, bem como contra um conjunto de alvos e sobre temas que não foram historicamente consideradas na tradição dos movimentos sociais. O repertório de ação pode ser visto como um conjunto de táticas avaliadas para uso em um dado momento histórico, mas também como características que essas táticas compartilham fundamentalmente. Earl e Kimport (2011) apontam que muitos estudam as novas táticas, mas poucos estudam as características destas táticas. Assim, se Tilly (1995) acentuou as diferenças entre os repertórios de ação tradicional e moderno, as autoras ressaltam as similaridades destes dois repertórios: identificam a participação na ação coletiva pela co-presença física num evento, e as táticas são vistas como um meio para alcançar um fim.

Na análise de Tilly (1995) sobre os repertórios de ação tradicional e moderno, a coletividade da participação era definida e marcada por indivíduos no tempo e espaço. Agora, os ativistas podem participar de ações *online* na facilidade, comodidade e privacidade de suas casas ou qualquer lugar em que exista uma conexão. A importância de estar junto fisicamente para execução de uma tática varia entre táticas eletrônicas e mobilizações presenciais, ainda que algumas táticas eletrônicas possam requerer uma participação sincronizada no tempo. Além disso, a organização das ações não precisa ser coletiva, e, quando é coletiva, pode se beneficiar das ferramentas da internet, que permitem a distribuição do trabalho para ser produtiva. Com essas mudanças, as autoras destacam que os espaços em que a participação e organização ocorrem se alteraram: muitos dos organizadores de táticas eletrônicas nunca irão encontrar com os indivíduos

que participaram das ações que eles organizaram. Se a falta de co-presença entre participantes teve consequências para a identidade coletiva, o mesmo ocorre com a crescente separação entre organizadores e participantes. No lugar da co-presença física, as autoras chamam atenção para uma ação coordenada entre participantes sob influência dos organizadores como novidade compartilhada das táticas do emergente repertório de ação digital. Uma importante ação coletiva coordenada é requerida dos participantes, mas não é coletivamente organizada.

Pelo lado dos participantes, antes da internet não havia oportunidade de ser um ativista em dez minutos, como nas oportunidades de participação oferecidas pela *Avaaz*, nem mesmo enquanto navega entre participar de uma petição eletrônica, checar o *Facebook* e continuar fazendo um trabalho no computador. As oportunidades envolviam gastar horas, encontrando um conjunto maior de indivíduos em um ponto de encontro marcado. Um corte dramático nos custos de participação mostra participantes preparados para, fácil e rapidamente, responder chamadas de ação por táticas digitais bem elaboradas, especialmente quando facilitadas por algum nível de automação. Estes participantes estão dispostos a considerar sua participação mesmo que não tenham desenvolvido um substancial senso de identidade coletiva com outros participantes potenciais e organizadores.

A *Avaaz* configura diferentes redes a cada estratégia de participação que deflagra com suas campanhas. Estas redes variam e correspondem a essas corridas de participação, considerando que nem todos os “membros” se engajam em todos os alertas de *e-mail* que chamam para a ação. Earl e Kimport (2011) acreditam que as petições *online* podem persistir em coletar assinaturas e reunir elevados totais de assinaturas mesmo que uma larga proporção daqueles que foram chamados a assinar não assinem ou compartilhem informação sobre esta ação, como parece ser o caso nas campanhas da *Avaaz* apresentadas até aqui. Um aspecto que merece atenção é a possibilidade de saturação que pode ser gerada pela avalanche de petições que são encaminhadas aos membros, ou seja, pode se tornar tão rotineiro receber oportunidades de participação a ponto das pessoas deixarem de abrir os *e-mails*, como foi sinalizado nas entrevistas com membros. A criação de oportunidades pela *Avaaz* para engajamento em táticas eletrônicas contribui para o caráter efêmero, esporádico e episódico de um ativismo com internet. Existem poucas barreiras para que os profissionais desta organização criem protestos de acordo com suas

expectativas. Se o protesto não é mais dependente dos movimentos sociais e ativistas de longa duração, existem custos extremamente baixos para criação de campanhas e existe pouca razão para ocorrer suspensão das ações, sendo por isso que as campanhas desta organização se sucedem com um novo tema a cada semana.

Assim, os baixos custos de começar e organizar ações de protesto *online*, bem como para participar delas, coloca novas questões para a organização de ações coletivas como pode ser visto naquelas coordenadas pela *Avaaz*. Earl e Kimport (2011) entendem que se os participantes possuem baixos custos e precisam pouco da identificação com um movimento, existe pouca pressão para participar somente de grandes obstáculos de uma organização política tradicional. Isso não significa o fim dos movimentos sociais, muito pelo contrário, mas a abertura de uma nova frente de protestos que não estava dada antes da internet, o que fica bem evidente com a emergência de lógica da ação conectada que convive com uma lógica de ação coletiva (BENNETT; SEGERBERG, 2012), da mesma forma que o repertório de ação moderno parece conviver e se imbricar com o repertório digital. O protesto *online* é “barato” e os indivíduos podem achar mais valor nele do que em um grande investimento em criar ações de protesto mesmo quando o protesto não está conectado, ou não pretende estar conectado a um grande movimento. Neste sentido, parece que a conexão entre disputas e causas sociais mais duráveis vai se tornar uma variável, não um traço comum compartilhado.

Na linguagem dos repertórios, existia uma forte ligação entre formas de táticas e ações específicas de protesto e os movimentos sociais, tanto no repertório tradicional quanto no moderno, motivo este porque se estudam as táticas. No repertório de ação moderno, as táticas eram pensadas para serem modulares, ou seja, múltiplos movimentos poderiam se beneficiar de uma mesma forma tática, mas não havia expectativa de que indivíduos e organizações de fora dos movimentos sociais, bem como fora da política comumente entendida, pudessem usar táticas de protesto. O argumento de Earl e Kimport (2011) é que a modularidade das táticas que começa com o repertório moderno se tornou tão extrema que as táticas e protestos no repertório de ação digital podem não ter qualquer relação com um movimento social, inaugurando um novo tipo de conflitualidade nas sociedades contemporâneas. Por fim, a duração dos protestos e a continuidade das disputas podem variar de campanhas curtas e esforços episódicos até causas longas e duráveis. Pensar num repertório de ação digital pode fazer repensar como entendemos as

atividades dos movimentos sociais e expandir definições tradicionais de protestos, ajudando a entender questões sobre como, quando e onde as disputas tomam lugar. As tecnologias da internet oferecem, assim, oportunidades para que os indivíduos façam coisas novas como também façam coisas velhas de novas maneiras, e a mistura de usos permite uma heterogeneidade.

## CONCLUSÃO

A partir da ideia de repertórios de ação de Tilly (1995), as formas de mobilização, participação e engajamento proporcionadas pela *Avaaz* promovem uma inovação. No que diz respeito à emergência de um repertório de ação digital, a questão que mais chama atenção é a possibilidade de formas de ação mais individualizadas com o advento da internet.

As mudanças nas formas pelas quais as pessoas agem conjuntamente em prol de interesses comuns, podem ser entendidas pela noção de repertórios, que não designam performances individuais, mas formas de interação entre partes ou conjuntos maiores de atores. Os repertórios de ação são formas estabilizadas nas quais os atores em jogo fazem e recebem demandas considerando o interesse dos outros. É na interação entre o ator-rede (LATOURETTE, 2012) de cada campanha, visto como um coletivo heterogêneo que entrelaça humanos e não humanos, e os alvos que se pode falar de um repertório a partir das campanhas da *Avaaz*. O que parece estar em jogo nessas campanhas são parte de inovações do repertório de ação moderno na medida em que a petição não foi criada por esta organização, mas ganhou em adesão, tempo e novas escalas com o advento da internet. Da mesma forma que enviar uma mensagem para um alvo se tornou mais fácil com a internet, do que por meio de cartas, por exemplo.

Apesar de remeter a uma inovação de formas existentes de protesto, o engajamento em diferentes oportunidades de participação nas campanhas mobilizadas pela *Avaaz*, tais como assinaturas de petições eletrônicas, envio de mensagens, realização de telefonemas, doações e, em especial, a criação de petições, mostram novas possibilidades performáticas em um plano mais individualizado. Existem duas perspectivas acerca do repertório digital. De um lado, a visão de que está sendo construído um repertório digital mais geral a partir da tradução de formas de ação política; de outro, há quem enxergue um alcance maior e

mais possibilidades de ação coletiva. Além disso, um processo de hibridização organizacional faz com que um repertório de ação digital se baseie na criação de formas atraentes e cada vez mais convergentes de ação cidadã *online*, no fomento da confiança entre grupos de cidadãos ligados horizontalmente, na fusão de discursos subculturais e políticos e na criação e desenvolvimento de redes *online*. O ato de compartilhar conteúdos em *sites* de redes sociais assume um nível de importância para o tipo de ação política coordenada pela *Avaaz*. Não é por acaso que a cada ação tomada por um membro no *site* desta organização aparecem possibilidades de compartilhamento em *sites* de redes sociais, em especial *Facebook* e *Twitter*, vistos como possibilidades de aumentar a base de membros, além de aumentar a participação nas estratégias de ação propostas. A fim de pensar a emergência de um repertório de ação digital, destaco duas características do ativismo com a internet: os custos reduzidos para criar, organizar e participar de protestos; e a baixa necessidade de estar fisicamente presentes para agir juntos e organizar. A combinação de baixos custos dos novos organizadores, baixos níveis de socialização com movimentos sociais e baixas pressões organizacionais configuram um comportamento diferente dos movimentos sociais, que estavam na base do repertório de ação moderno.

## REFERÊNCIAS

BENNETT, W. Lance & SEGERBERG, Alexandra. The logic of connective action. **Information, Communication & Society**, 15:5, 739-768, 2012.

BENKLER, Yochai. **The wealth of networks**: How social production transforms markets and freedom. New Haven and London: Yale University Press, 2006.

BRINGEL, B. Com, contra e para além de Charles Tilly: mudanças teóricas no estudo das ações coletivas e dos movimentos sociais. **Sociologia & Antropologia**, vol. 02.03: 43-67, 2012.

CASTAÑEDA DE ARAUJO, M. **Ação coletiva com a internet**: reflexões a partir da Avaaz. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

CHADWICK, A. Digital network repertoires and organizational hybridity. **Political Communication**, 24:3, 283-301, 2007.

EARL, J. & KIMPORT, K. **Digitally enabled social change**: activism in the internet age. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 2011.

LATOURE, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

MACHADO, J. A. S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 18, p. 248-285, 2007.

McADAM, D; TARROW, S. & TILLY, C. Para mapear o confronto político. **Lua Nova**, São Paulo, 76: 11-48, 2009.

ROLFE, B. Building na eletronic repertoire of contention. **Social Movement Studies: Journal of Social, Cultural and Political Protest**. 4:1, 65-74, 2005.

TILLY, C. Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834. In: TRAUGOTT, Mark (ed.). **Repertoires and Cycles of Collective Action**, Duke University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Identities, boundaries, and social ties**. Colorado, EUA: Paradigm Publishers, 2005.

VAN LAER, J. & VAN AELST, P. Cyber-protest and civil society: the internet and action repertoires in social movements. In: JEWKES, Yvonne & YAR, Majid. **Handbook of Internet Crime**. Willian Publishing, 2009.